

Artigo Original

**UMA ANÁLISE URBANÍSTICA ATRAVÉS DA EXTENSÃO
UNIVERSITÁRIA: UMA EXPERIÊNCIA NO TAGUAPARQUE-DF****URBAN ANALYSIS THROUGH UNIVERSITY EXTENSION PROJECT:
AN EXPERIENCE AT TAGUAPARQUE, FEDERAL DISTRICT***Marlyene Ferreira Batista¹, Gustavo Franco Garcia Guedes², Matías Ocaranza Pacheco³*INFORMAÇÃO DO
ARTIGO*Histórico do artigo:*

Recebido em 29 Abr. 24

Revisado em 06 Set. 24

Aceito em 18 Set. 24

Palavras-chave:

Parque urbano;

Urbanismo para a

população;

Participação social.

Keywords:

Urban Park;

Urban Planning for the

people;

Social participation.

RESUMO

Este artigo apresenta os resultados obtidos no componente curricular extensionista “Arquitetura da Paisagem: Território” no Centro Universitário Estácio de Brasília. O projeto de extensão teve como objetivo a compreensão empática pelos alunos das problemáticas vivenciadas por quem frequenta o parque urbano Taguaparque. Para isso, foram realizadas um total de quatro visitas em que o contato dos alunos com a sociedade ocorreu utilizando as metodologias explicadas neste artigo. Como resultado os discentes apresentaram um anteprojeto urbanístico com a análise das potencialidades e fragilidades do lugar.

ABSTRACT

This paper presents the results of a university extension project 'Landscape Architecture: Territory' at the *Centro Universitário Estácio de Brasília*. The goal of the extension project was to understand empathetically the problems experienced by users of the urban park Taguaparque. In order to achieve this goal, the students made four visits to the park on which they had contact with society through the methodologies explained in this article. As a result, the students presented a landscape project analyzing the strengths and weaknesses of the Urban Park.

¹ Docente do Centro Universitário Estácio de Brasília, Mestra em Projeto e Cidade pela Universidade Federal de Goiás (UFG), marlyeneferreira.arquitetura@gmail.com.

² Docente do Centro Universitário Estácio de Brasília, Centro Universitário Estácio de Brasília, Especialista em Habitação e Cidade. E-mail: gustavofranco0210@gmail.com.

³ Docente do Centro Universitário Estácio de Brasília. Arquiteto pela Universidad de Chile, Mestre e Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília. E-mail: matias.enpacheco@professores.estacio.br



Introdução

Quais são as várias camadas que criam um ambiente urbano? Quais são os principais elementos para compor um projeto urbanístico? Seria possível uma lista padronizada de princípios para compor o espaço urbano? Podemos afirmar que seria um erro pensar que é possível criar espaços urbanos padronizados, já que cada cidade é habitada por uma população com uma identidade e cultura específica, além de que as questões bioclimáticas são únicas para cada lugar. No entanto, alguns elementos são imprescindíveis para que os espaços urbanos se configurem, tais como: espaços de contemplação, espaços de transição, espaços de permanência e, uma cultura local materializada, para que exista uma forte identificação da população e sentido de pertencimento com o local.

Ademais, um bom espaço urbano advém de um bom projeto, que por sua vez resulta de uma análise das potencialidades e das problemáticas do território. Para isso, durante o segundo semestre de 2023, os estudantes do componente extensionista “Arquitetura da Paisagem: Território”, do Centro Universitário Estácio de Brasília – Campus Taguatinga – Distrito Federal (DF), sob a orientação e supervisão da professora, Arquiteta Urbanista e Mestra Marlyene Batista, foram a campo para buscar soluções para o parque urbano de lazer Taguaparque. Localizado na região administrativa de Taguatinga, no DF, o parque é cortado pela via coletora Avenida das Mansões. Para o projeto de extensão, os alunos trabalharam com a área abaixo da via (ver figura 1), onde se concentra a administração do Parque, o parque infantil e a área de churrasqueiras.

Figura 1. Área de intervenção em destaque



Fonte: Google Maps. Acesso em: Abr., 2024.



Como princípio de um componente extensionista, os alunos devem ter, obrigatoriamente, contato com a sociedade para compreender as problemáticas e as potencialidades existentes no local. Isso, através da visão dos usuários que utilizam o espaço cotidianamente. Outro princípio é que a sociedade deveria avaliar o desenvolvimento do anteprojeto urbanístico. Para isso, ocorreram quatro visitas ao parque durante os dias e horários da disciplina, sendo divididas, em duas visitas por turma. Para realização do anteprojeto durante o semestre 2023.2, a professora orientou duas turmas da mesma disciplina, porém em dias diferentes. No final do semestre, três trabalhos foram disponibilizados ao público por meio do blog, <https://blogfocanews.com.br/2023/11/22/alunos-de-arquitetura-e-urbanismo-mobilizaram-acao-em-taguaparque/>, do Centro Universitário Estácio de Brasília.

A temática é relevante devido a cidade ser o grande palco da sociedade urbana. A vida e o cotidiano das pessoas estão atrelados ao espaço urbano, o qual impacta diretamente na qualidade de vida das pessoas. É por meio de bons espaços públicos que é possível entregar lazer acessível e de qualidade para todos e melhorar a qualidade de vida através de infraestrutura verde.

Desenvolvimento

De acordo com Gordon Cullen (2008) para que a cidade exista é necessária uma união de diversas áreas do conhecimento, como sociologia, arquitetura e engenharia. Mas os esforços dessa união não são validos sem que a cidade possua vivacidade, e para isso são necessários pontos de interesse, características que a diferenciem das demais, pontos extraordinários e, elementos de identificação. Ou seja, é a forte interação das pessoas com o ambiente urbano que faz com que os espaços sejam cheios de vida e atraentes para que mais pessoas os ocupem.

Ao caminhar pela cidade as pessoas são surpreendidas com paisagens que surgem aos olhos, Cullen (2008) denomina esse fenômeno como *Visão Seriada*, que seriam as vistas que mudam aos nossos olhos de acordo com o movimento. Por exemplo, ao entrar em um túnel a pessoa não sabe o que vem dentro ou após esse túnel, mas conforme a pessoa se aproxima da saída uma nova paisagem emerge aos seus olhos.

Igualmente, Jane Jacobs, jornalista e teórica do urbanismo, em seu livro “Morte e Vida de Grandes Cidades”, defende que a cidade necessita do controle social para seu bom funcionamento, o que ela definiu como “os olhos da rua”. Ou seja, é preciso que exista uma constante interação entre os espaços públicos abertos com os espaços fechados, sejam eles públicos ou privados, pois o próprio olhar da sociedade gera um controle social. As pessoas tendem a não realizarem ações julgadas de forma negativa quando se sentem vigiadas, e tal interação visual entre os espaços proporcionaria tal resultado.

Ruas vazias dificilmente atraem a atenção das pessoas, além de causar receios na população, devido a que tais espaços são propensos a vandalismo, à violência e as torna propensas a atividades ilícitas. Ao contrário, ruas ocupadas e com fluxo constante atraem o olhar das pessoas que estão dentro dos edifícios e que possuem vistas para o espaço urbano, o que gera controle social e despertam interesse de pessoas para ocupá-lo (JACOBS, 2000). Dentro dessa discussão, pode-se incluir o uso misto, ou seja, o uso do solo contemplado por diversas atividades para que a região possa ter fluxo contínuo de pessoas em diferentes horários do dia.



Não muitos anos atrás, os grandes comércios se concentravam nas áreas centrais das cidades, porém devido ao aumento dos *shoppings centers* e da facilidade, comodidade e segurança que esses equipamentos oferecem, os centros urbanos começaram processo de esvaziamento. Ademais, o aumento dos condomínios horizontais mobilizou uma população de classe alta e média alta para essas “minicidades”, o que aumentou o esvaziamento dos centros. Com isso, os espaços centrais, principalmente das cidades mais antigas – com mais de 8 décadas, passaram a perder os equipamentos de comércios e de prestação de serviço, o que fez desses locais pontos de insegurança para a sociedade.

Kaley Overstreet (2022), arquiteta pela Escola Knowlton, defende que o uso misto nos bairros pode reduzir a criminalidade, a partir da facilitação de acessos a diferentes serviços por meio de uma mobilidade urbana que priorize o pedestre. Tais princípios favorecem as interações sociais entre a população, o fluxo contínuo de pessoas e o interesse das pessoas pelos espaços públicos. Na figura 2 pode-se observar um espaço urbano onde há usos mistos e os “olhos da rua”, já que os espaços internos dos edifícios possuem visibilidade dos acontecimentos no espaço público e vice-versa. Ademais, na figura 2 observa-se a realização de diversas atividades locais com edifícios de escritório, outros edifícios residenciais, espaço público com áreas de contemplação, como a ponte, áreas de transição onde a população corre, caminha e anda de bicicleta, e locais de ocupação estática – onde as pessoas podem parar por um tempo e realizar interações sociais.

Figura 2. Exemplo de um centro de cidade com uso misto



Fonte: Archdaily, 2022, fotografia de Brick Visual.

Por muito tempo as cidades apenas degradaram o meio ambiente, os edifícios construídos aumentavam a má qualidade do ar e o abuso dos recursos naturais. No século XXI é cada vez mais necessário que os arquitetos e urbanistas saiam das universidades com a consciência de que os edifícios e os espaços urbanos possuem o dever de devolver vida e qualidade para o meio ambiente. Ademais, a infraestrutura deve contemplar soluções para que as cidades cumpram essa missão.



Cecília Herzog e Lourdes Rosa (2010) discorrem sobre a importância de cidades com infraestruturas verdes, e exemplificam alguns elementos como: o uso de biovaletas com plantas filtrantes para a captação de águas pluviais de forma ecologicamente proveitosa, a energia solar ou eólica, as vias de bicicletas de forma integrada, seguras e geradoras de uma experiência positiva por meio da paisagem e do conforto térmico.

Ainda de acordo com a autoras, os espaços verdes públicos projetados de forma multifuncional e com o uso de infraestrutura verde podem proporcionar: diminuição da pegada de gás carbono, evitam “a sedimentação dos corpos d’água, protegem e aumentam a biodiversidade, fornecem serviços ecossistêmicos no local, previnem ou diminuem a poluição das águas, do ar e do solo”, e proporcionam uma boa qualidade de vida à população (HERZOG; ROSA, 2010, p.94).

Com base em referências, munidos da teoria estudada em sala de aula, e principalmente, apoiados nos autores supracitados, os alunos foram a campo para realizarem o contato com a comunidade que frequenta o Taguaparque. Na primeira visita, os grupos de projeto, constituídos pelos alunos, se separaram para caminhar pelo parque em busca de frequentadores que se dispusessem a responder uma entrevista. As perguntas da entrevista foram elaboradas em sala de aula juntamente com a professora. A entrevista era composta por 20 perguntas, as quais estão listadas abaixo:

1. Você tem o costume de caminhar pelo bairro? Se sim, para o quê?
2. Você costuma vir ao Taguaparque com frequência? Se sim, quantas vezes em média na semana? Quais são os horários que você costuma vir?
3. Qual meio de transporte você usa para vir ao parque?
4. Se importaria em dizer se você mora em Taguatinga ou em qual outra cidade você mora?
5. Você costuma utilizar o Taguaparque com qual finalidade? (ex.: caminhada, usar as churrasqueiras, piquenique, passeio com a família, andar de bicicleta...)
6. Você considera o Taguaparque um ambiente bom para ir aos finais de semana como opção e lazer?
7. Você acha que o Taguaparque atende suas necessidades para atividade física?
8. Qual problema você visualiza como o mais prejudicial para o parque?
9. Você acha que o parque poderia propor mais eventos que beneficiariam a cidade?
10. Como você avalia os espaços de sombra? A vegetação existente é suficiente, em sua opinião?
11. Você acha que existe algo no Taguaparque que o diferencia dos demais?
12. Como você avalia a acessibilidade do Taguaparque?
13. Como você avalia a segurança do local? E como acha que poderia melhorar?
14. Você acha que o parque possui espaços agradáveis para que você possa ocupar de forma estática (parado), por exemplo se sentar para meditar, fazer um piquenique ou uma roda de conversa com amigos?
15. Quais mobiliários urbanos você mais sente falta no Taguaparque? (ex.: iluminação, bancos, lixeiras, bebedouros, mesas....)
16. O que você gostaria que melhorasse e/ou tivesse no parque?
17. O que você retiraria do Taguaparque se pudesse?
18. Como você avalia os espaços para crianças no Taguaparque? Poderia expressar sugestões para melhorias?



19. Para você qual o local mais conhecido de Taguatinga – um local que quando fala de Taguatinga você já imagina como ponto de referência?
 20. O que você acha que faz um espaço público ser atrativo?

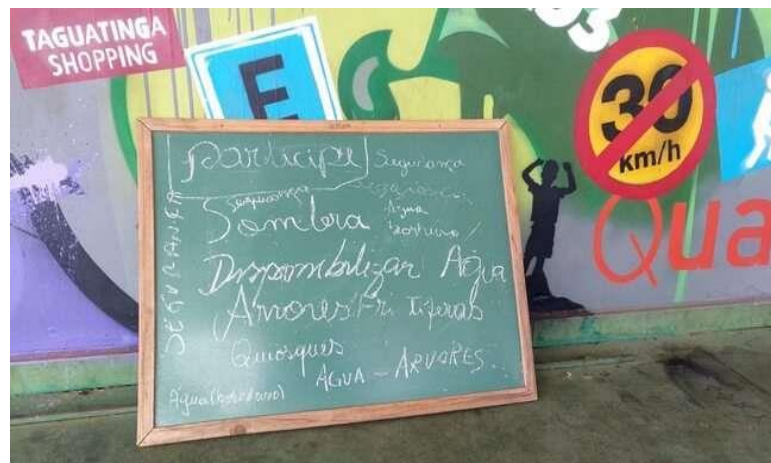
Ademais das entrevistas, os alunos caminharam pelo parque com um quadro e giz para que os frequentadores do Taguaparque expressassem por meio de uma palavra o que desejavam para o local (ver figuras 03 a 05). Ao todo participaram da entrevista e da dinâmica do quadro oitenta pessoas, vale ressaltar quem nem todos os que participaram da entrevista participaram da dinâmica do quadro.

Figura 3. Participação da população: um desejo para o parque



Fonte: Marlyene Batista, 2023.

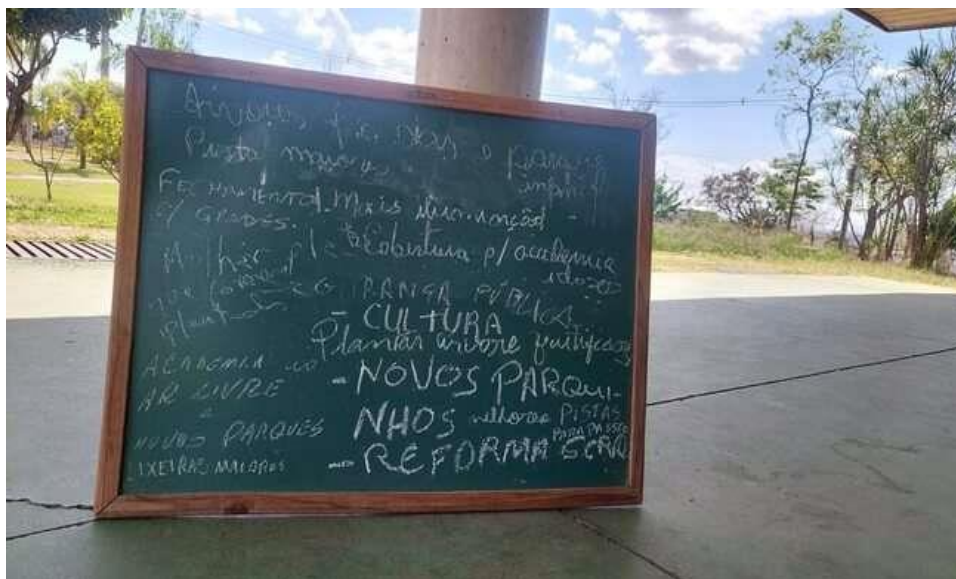
Figura 4. Segundo quadro de resultados do primeiro dia de visita



Fonte: Marlyene Batista, 2023.



Figura 5. Quadro com resultados do segundo dia de visita



Fonte: Marlyene Batista, 2023.

A partir de análise dos resultados obtidos foi possível constatar que a maior queixa da população é a insegurança, a ausência de sombreamento e de mobiliários, seguido da precariedade dos mobiliários existentes. Observou-se que o parque possui uma falta de standardização do mobiliário, havendo bancos feitos com madeira e pregos, como se os próprios moradores os tivessem colocado e outros de concreto. Salienta-se também o perigo que a ausência de manutenção pode ocasionar, como ocorre no parque infantil onde, segundo os frequentadores, as crianças se machucam com frequência. Informação essa que condiz com reportagens do G1 de 2017 e de 2023: “Parquinhos infantis no Taguaparque permanecem interditados” e “Parquinhos do Taguaparque tem pregos expostos e madeiras soltas” respectivamente.

A ausência de segurança pode ser ocasionada pela falta de atividades de uso misto no parque. O parque não possui quiosques dentro de sua área, o que dificulta com que as pessoas permaneçam por um tempo maior. Os bebedouros são poucos e os banheiros encontram-se deteriorados. Durante a visita, a turma encontrou um senhor fazendo caminhada que estava sentado tentando se recuperar devido à ausência de bebedouro em uma das extremidades do parque. A falta do comércio faz com que as pessoas tenham que se deslocar para as lojas fora do parque, e aos finais de semana os comerciantes ambulantes acabam ocupando os gramados.

Na segunda visita, as duas turmas puderam levar ao parque a setorização do projeto urbanístico com ideias e referências do projeto (ver figuras 06 e 07) para que a sociedade pudesse opinar. Ao todo participaram 112 pessoas. A forma de interação dos frequentadores com os alunos foi escolhida por cada grupo e orientada pela professora antes de irem a campo. A única exigência era que a dinâmica ocorresse por meio de pranchas em tamanho A2. Alguns grupos optaram por levar adesivos de cor verde e vermelha para sinalizarem o que gostaram e o que não gostaram com espaço para escreverem o motivo. Outro grupo chamou a atenção com

a ideia de *Post-it* coloridos onde a população escrevia o porquê gostou e o porquê não gostou e colava no local do projeto (ver figura 08 e 09).

Figura 06. Pranchas participativas da sociedade no andamento do projeto



Fonte: Marlyene Batista, 2023.

Figura 07. Pranchas participativas da sociedade no andamento do projeto



Fonte: Marlyene Batista, 2023.



Figura 08. Pranchas participativas da sociedade no andamento do projeto - Post-it



Fonte: Marlyene Batista, 2023.

Outra observação constatada foi a presença de árvores invasoras não nativas, que acabam se disseminando com facilidade devido a grande quantidade de sementes soltas por suas vagens. O parque conta com poucas árvores, o que no calor intenso do centro-oeste acaba resultando no escasso aproveitamento de suas áreas verdes nos dias ensolarados, que são predominantes em Brasília.

Como resultado da disciplina os alunos entregaram o anteprojeto urbanístico da área de intervenção. Na próxima seção são apresentadas as pranchas de implantação. Para que os alunos pudessem chegar nesses resultados, foram meses de estudo teórico, orientações de projeto, além da realização de diversos estudos de caso e análises como a matriz FOFA (Fortalezas, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças), resumida em uma tabela com as potencialidades e ameaças do local.

Resultados

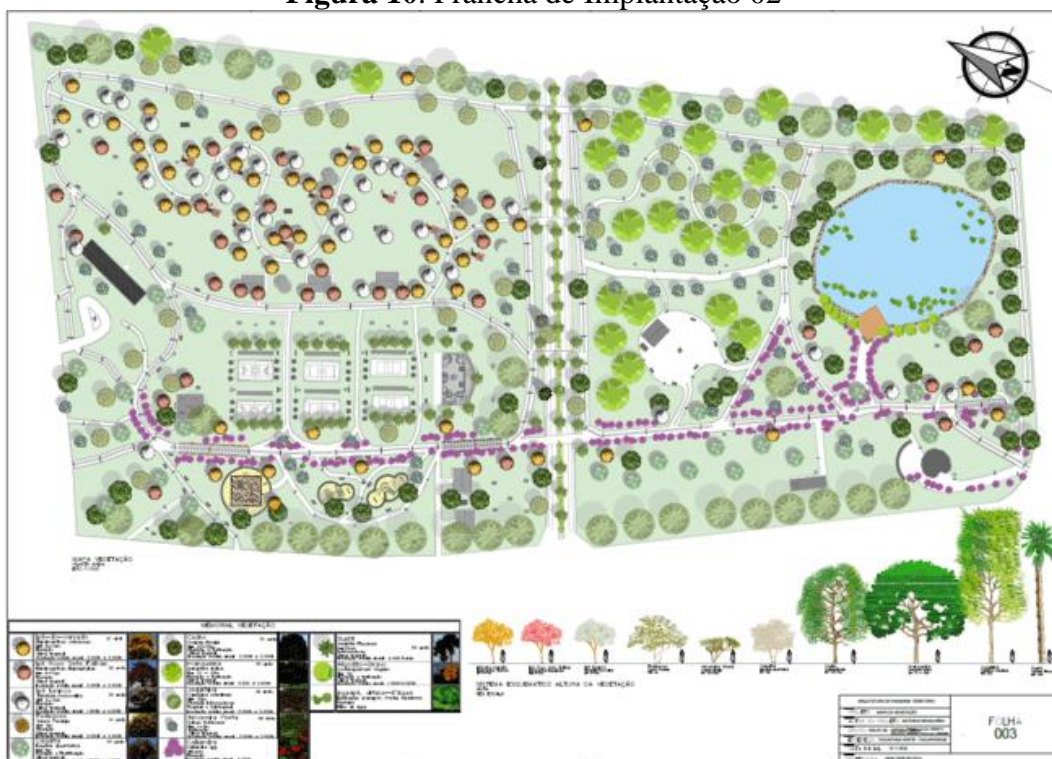
Figura 09. Prancha de Implantação 01



Fonte: Angélica Albuquerque, Amanda Mendonça, Fernanda Lima e Gustavo Silva. 2023



Figura 10. Prancha de Implantação 02



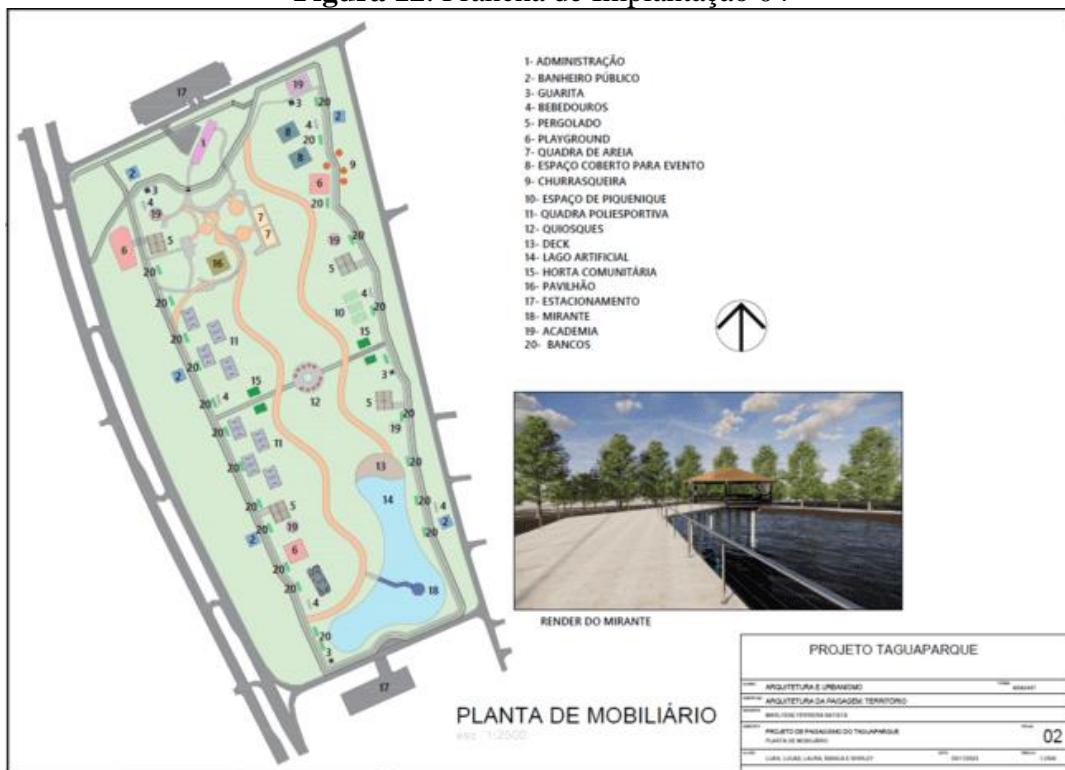
Fonte: Francisco César, Iara Beatriz, Matheus Magalhães, Nikolas Menezes. 2023

Figura 11. Prancha de Implantação 03



Fonte: Gabriela Maristela, Janine Jasmine, Larissa Ellen e Sarah Beatriz. 2023

Figura 12. Prancha de Implantação 04



Fonte: Bianca Oliveira, Luan Cavalcante, Lucas Paiva, Laura Pinheiro e Shirley Silva. 2023

Discussão

O desenvolvimento dos projetos de intervenção do Taguaparque, por meio da extensão universitária, buscou, além do desenvolvimento das capacidades plásticas, tectônicas, urbanas ou paisagísticas nativas do exercício da profissão do arquiteto urbanista, demonstrar principalmente a capacidade humana e social dos estudantes ao tratar com demandas e necessidades de comunidades reais rompendo com metodologias já ultrapassadas, doravante ainda muito implementadas no Brasil.

A atividade não buscou projetos com soluções pré-estabelecidas, autorais ou formalmente de alta capacidade técnica, mas sim desenvolver a habilidades e percepções sociais através da escuta ativa dos estudantes, trabalhar em equipe e sobretudo a capacidade de responder as problemáticas reais das comunidades, que carecem de espaços adequados, de forma democrática e participativa.

Dessa forma, espera-se que as propostas do Taguapaque apresentadas e encaminhadas às comunidades e governantes não sejam vistas apenas como propostas teórico acadêmico, mas sim como produto resultante de metodologias diversas de participação comunitária que foram



elaboradas por corpo técnico devidamente supervisionada por uma arquiteta e urbanista. Ou seja, abordagens que muitas vezes o Estado não tem mão de obra qualificada suficiente, as ações de extensão universitária podem exercer importante papel na leitura das comunidades locais a fim de se ter espaços urbanos mais úteis a toda sociedade.

Conclusões

Para que o Taguaparque seja de fato ocupado em seu máximo potencial é necessária uma intervenção a nível de projeto urbano. A presença do comércio no interior do Parque auxiliaria no fluxo contínuo de pessoas. A implementação de árvores nativas de copa densa permitiria um maior conforto térmico e favoreceria a permanência das pessoas. No entanto, como um todo, é necessário que ocorra a implementação de espaços com mobiliário e paisagens que agreguem, fortalecendo os espaços de ocupação estática e de contemplação, para que assim, o parque não seja apenas um local de ocupação transitória, de rápidas caminhadas ou para andar de bicicleta, mas um lugar de permanência e de encontros.

Agradecimentos

Agradecemos aos líderes comunitários de Taguatinga que se dispuseram a participar do processo.

Referências

CULLEN, Gordon. *Paisagem Urbana*. Lisboa: Edições 70, 2008.

G1. Parquinhos do Taguaparque tem pregos expostos e madeiras soltas. *Bom Dia DF*. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/bom-dia-df/video/parquinho-do-taguaparque-tem-pregos-expostos-e-madeiras-soltas-11774555.ghtml>. Acesso em: abr, 2024.

G1. Parquinhos infantis no Taguaparque permanecem interditados. *Bom Dia DF*. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/bom-dia-df/video/parquinhos-infantis-do-taguaparque-permanecem-interditados-5219132.ghtml>. Acesso em: abr, 2024.

HERZOG, Cecília P.; ROSA, Lourdes Z. Infraestrutura Verde: Sustentabilidade e resiliência para a paisagem urbana. *Revista Labverde*. [S.v], n. 1, p. 92 – 115, 2010. DOI: 10.11606/issn.2179-2275.v0i1p92-115. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revistalabverde/article/view/61281>. Acesso em: 19 abr. 2024.

JACOBS, Jane. *Morte e Vida de Grandes Cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

OVERSTREET, Kaley. Como bairros de uso misto podem reduzir a criminalidade [How Mixed-use Neighborhoods can Reduce Crime Rates. *Archdaily Brasil*. Jun, 2022. (Trad. Gagliardi, Walter). Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/982008/como-bairros-de-uso-misto-podem-reduzir-a-criminalidade>. Acesso em: 29 abr. 2024.

